

### A EXPERIÊNCIA DIGITAL: LIMITES E POSSIBILIDADES NA NOVA FACE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS

Jeane de Freitas Azevedo<sup>1</sup>

*A propósito do livro:*

CARDON, Dominique. **La Démocratie Internet: promesses et limites**. Paris: Seuil/La République des idées, 2010.

Sociólogo, professor da Universidade Paris-Est Marne-la-Vallée e pesquisador associado ao Centro de Estudos de Movimentos Sociais da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS), Dominique Cardon é hoje um dos principais especialistas da França sobre os usos das novas tecnologias e as transformações do espaço público. Seu livro intitulado *La démocratie Internet: promesses et limites* foi publicado em 2010 pela editora Seuil na França e ainda não está disponível em português. Nele, é feita uma análise, em quatro capítulos, a respeito da dimensão política da internet. Cardon lança mão de uma escrita clara e cuidadosamente pedagógica, por meio da qual defende a ideia de que a internet, devido às suas bases igualitárias herdadas da contracultura americana dos anos 1960, é uma oportunidade de renovação da democracia.

Na introdução, o autor mostra como a experiência digital mudou a face das relações sociais e políticas devido ao alargamento do espaço público. Ele explica que a capacidade do formato digital de conter e associar texto, som e imagem não é suficiente para afirmarmos que ela é a etapa final de uma evolução “natural” das mídias de massa. Pensar dessa maneira significa que a internet funciona nos mesmos moldes das mídias tradicionais, isto é, “uma prática do controle editorial, uma economia da raridade e uma concepção pacífica do público” (CARDON, 2010 p. 8). Isso nos levaria a reduzir essa mídia aos interesses dos modelos econômico, cultural e político que se estabeleceram ao

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Université de Bordeaux. Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

longo do século XX.

Demonstrando que as origens da internet remetem à influência do modo de vida *hippie* nos anos 1960, o autor ensina que ela foi concebida não para que um emissor se dirigisse a uma massa de receptores, mas para facilitar as trocas entre indivíduos, os quais são emissores e receptores de informações. Assim, o objetivo original da internet não era o de ser uma nova mídia, mas o de construir ferramentas de trocas interpessoais.

De acordo com o autor, o que há de inédito na internet é sua propriedade de combinar duas formas de comunicação: a primeira facilita as trocas entre indivíduos e a segunda permite a difusão de informação em larga audiência. A primeira torna-se possível pelo correio postal e pelo telefone e a segunda por meio da imprensa, rádio e televisão, a qual destina as mensagens de poucos a um público vasto e indiferenciado.

A aproximação dessas formas de comunicação não é evidente, pois ela produz efeitos inéditos quando as fronteiras dos dois universos tornam-se porosas (p. 9). Para Cardon, mais do que uma simples questão tecnológica, trata-se de um novo tipo de relação entre esfera da conversação e aquela da informação, possível graças às ferramentas de trocas interpessoais e aquelas da comunicação de massa. Para ele, desde o fim do século XIX, o telefone e a imprensa constituíram duas tecnologias essenciais ao desenvolvimento da mundialização das trocas e da mobilidade das pessoas. Elas favoreceram a extensão de redes pessoais e comerciais e a reunião de indivíduos, mas existia uma distância entre esses dois universos, uma separação entre espaço de sociabilidade e espaço público. Entre esses dois universos, havia os *gate-keepers*, ou seja, os editores ou jornalistas que guardavam a fronteira entre conversação e informação, entre indivíduos e cidadãos, entre o público e o privado, o mercado e o político. Essa distância era, segundo Cardon, o plano de fundo da representação política, a qual colocava, de um lado, o espaço da interação entre os indivíduos e, de outro lado, o universo cada vez mais profissionalizado e fechado sobre eles mesmos e a política, a informação e indústrias culturais.

A Web se ampara em conversações que não eram reconhecidas como “públicas”, aproveitando novas práticas de exposição dos indivíduos. A linha de divisão entre sociabilidade privada e debate público é perpassada por uma nova sensibilidade que conduz os indivíduos a se expor e a tecer,

diante dos outros, as linhas entre sua vida pessoal e as questões públicas (p. 10).

A palavra pública pode, de agora em diante, ser comentada, criticada, ridicularizada, transformada por um grande número de pessoas julgadas inaptas ou ignorantes. É nesse sentido que Cardon advoga a existência de uma dupla revolução: 1) o alargamento, para a sociedade inteira, do direito de tomar a palavra em público; 2) a incorporação ao espaço público de uma parte das conversações privadas. Com isso, a internet torna visível um conjunto de aspirações que é fundamental investigar.

No primeiro capítulo, “O espírito da internet”, o sociólogo francês versa a respeito dos ideais que deram origem à estrutura da internet e demonstra o enraizamento do seu espírito na cultura *hippie* dos anos de 1960, quando a atmosfera cultural dessas comunidades influenciou os primeiros usuários da internet, os quais inventavam um espaço emancipado onde seria possível refazer a “comunidade” e inventar outros mundos alternativos, que, à semelhança do LSD, permitiriam alargar o campo da consciência. Com a massificação, o “espírito da internet” se divide em duas linhas: a versão forte e a versão fraca da autonomia do indivíduo. A versão forte está ligada à utopia pirata, a qual, numa tradição anarco-situacionista próxima da “comunidade dos egoístas” de Max Stirner, “não se trata nem de fazer revolução nem de transformar a sociedade, mas de mudar sua vida, em vez de mudar a vida” (p. 32). A versão fraca é aquela do mundo do *software* livre, a comunidade *Open Source*, recusadora do engajamento político, mas que valoriza a liberdade de iniciativa, promovendo uma economia digital na qual os ganhos não podem se apoiar na apropriação das informações ou dos programas, mas sobre os serviços que permitem ao usuário usar, explorar e valorizar esses bens comuns (p. 33).

Essa tensão está nos debates sobre o capitalismo cognitivo, em que a Google e o Facebook são os exemplos comuns. Tais empresas reivindicam sua proximidade com os valores libertários da Web. A Google desenvolve seus serviços em *software* livre, reivindicando a liberação de direitos de propriedades intelectuais a fim de facilitar o compartilhamento dos saberes. Ao mesmo tempo, a empresa consegue gerar imensos lucros vendendo aos anunciantes um acesso aos conteúdos que os internautas produziram, exercendo a liberdade que sonhavam os pioneiros da internet.

## INTER-LEGERE

---

### A EXPERIÊNCIA DIGITAL: LIMITES E POSSIBILIDADES NA NOVA FACE DAS RELAÇÕES SOCIAIS E POLÍTICAS

Jeane de Freitas Azevedo

No segundo capítulo, “O alargamento do espaço público”, o autor demonstra como o internauta passou a ser um amador da atividade de tomar a palavra em público. Se antes, com os *gate-keepers*, as informações eram antes filtradas para depois serem publicizadas, sem esses moderadores a lógica passa a ser “publicar antes, filtrar depois” (p. 39). Isso significa que na internet tudo é visível, sem, no entanto, ter um caráter público. Como não existem mais controladores do que vai se tornar visível, então o controle do que vai ser reconhecido como um caráter público é levado aos efeitos de hierarquizada seleção social.

Cardon apresenta uma tipologia composta por quatro formas de tomar a palavra no espaço de visibilidade estendido da Web, levando em consideração dois tipos de atores: aquele que fala e aquele de quem se fala. Cada ator pode ser qualificado diferentemente sobre dois eixos: amador ou profissional. A combinação desses eixos resulta em quatro tipos de formas de tomar a palavra: Esfera pública restrita, Web participativa, Espaço público, Web em “claro-oscuro”.

Trata-se de um livro fundamental para aqueles que querem discutir ou pensar democracia na contemporaneidade. A reflexão a respeito dos limites e possibilidades impostos pela internet, a qual aproximou a conversação privada e a informação pública, provoca uma mudança na composição do espaço público, alargando-o na medida em que abre as portas de um universo que era antes fechado no diálogo entre jornalistas inseridos e profissionais da política.